

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 525	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	8\$800	1\$900	6950	8120	21 DE JULHO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Regressou a Lisboa depois de cerca de dois mezes de ausencia Sua Magestade a Rainha Mãe, que depois de ir assistir a Italia ás bodas de prata de seu irmão o Rei Humberto, andou viajando pela Italia, e pela França, demorando se perto d'um mez em Paris onde foi muito bem recebida pelo Presidente da Republica.

No seu regresso a Lisboa Sua Magestade, e seu

filho o sr. infante D. Affonso, que a accompanhou em toda a sua viagem, estiveram tres dias em Madrid, hospedados no Palacio Real do Oriente, onde a Rainha Regente de Hespanha deu em sua honra um banquete e uma recepção em grande gala.

A sr.ª D. Maria Pia e seu filho chegaram a Lisboa na sexta-feira 14 do corrente, ás cinco e meia da tarde, no *Sud-Express* sendo esperados na *gare* do Rocio por Suas Magestades El-rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, quasi todos os ministros, altos dignatarios, corte, membros do corpo diplomatico, etc.

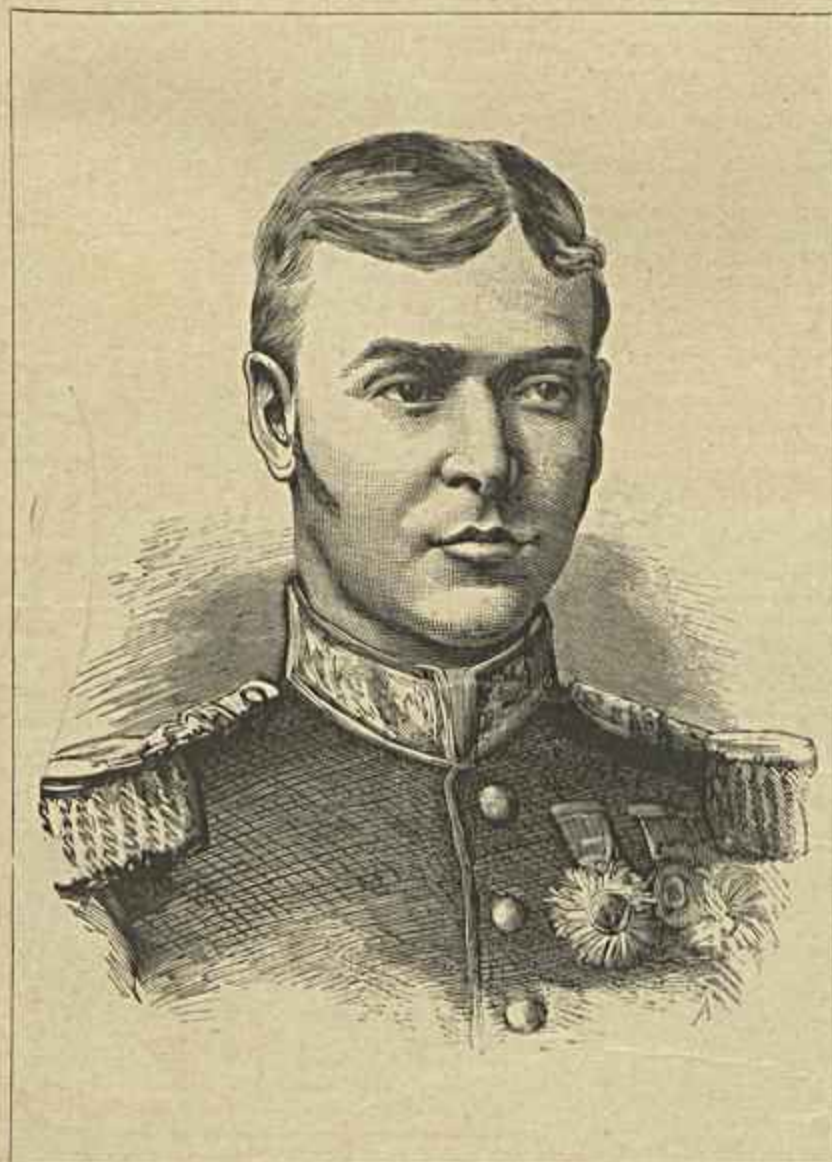
As tropas da guarnição faziam alas pelo Rocio e rua do Ouro, e a artilheria estava postada no Terreiro do Paço.

Por todas as ruas do transitio era grande o numero de pessoas, que aguardavam a chegada de Sua Magestade.

A policia em algumas d'essas ruas deixou bastante a desejar, como por exemplo no Rocio, onde era grande a agglomeração de gente e de carruagens, e onde presencéamos um pequeno conflicto entre uns populares e um cavalheiro brasileiro e sua familia, que estavam no seu trem, conflicto que podia ter tido sérias consequencias, se não fôsse a prudencia do sугeito brasileiro e a intervenção sensata das pessoas que estavam mais proximas, sem que apparecesse um unico agente de policia.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e o sr infante D. Affonso receberam na estação os cum

O CASAMENTO DO FUTURO REI DE INGLATERRA



S. A. O DUQUE DE YORK



S. A. A PRINCEZA DE TECK

primentos das pessoas que ali os estavam esperando — depois seguiram em *landau* aberto, na companhia d'El-rei D. Carlos e da Rainha D. Amelia para o Paço da Ajuda.

Apenas ali chegada, a sr.^a D. Maria Pia telegraphou ao Presidente da Republica Franceza agradecendo-lhe a elle e ao povo francez o amavel acolhimento, que lhe fizeram durante a sua estada em França, telegraphando a que o sr. Carnot respondeu immediatamente agradecendo a S. M. a sua delicadeza e fazendo votos pela sua felicidade.

* * *

No mesmo dia e á mesma hora em que a Rainha D. Maria Pia chegava, a camara dos deputados realisava a sua ultima sessão, sessão que tem sido muito fallada e em que se pronunciam discursos patrióticos notaveis, sendo os mais notaveis d'entre elles os pronunciados pelo sr. Ministro do Reino e pelo sr. José d'Alpoim.

D'essa sessão e do que n'ella se passou encontrão os nossos leitores noticia na Revista Politica do nosso bom collega João Verdades.

No dia immediato foi lido na camara dos pares o decreto de encerramento das cõrtes.

Nessa mesma noite começou logo a debandada dos deputados e pares do Reino para a provincia, para as suas localidades, e Lisboa, se já principiava a estar deserta por causa das idas para o campo e para fóra da terra, muito mais deserta ficou ainda.

* * *

E é só essa deserção que pode explicar a falta de concorrência a alguns espectáculos, como por exemplo, a *dansa serpentina* que sem nenhum favor é o espectáculo mais original, mais pittoresco, mais bonito, que n'estes ultimos tempos tem apparecido cá na nossa terra.

Eu não sei se a miss Fuller é ou não a verdadeira inventora da *Dansa Serpentina*.

Os cartazes do Real Colyseu dizem que sim, que ella é a verdadeira inventora da famosa *Dansa serpentina* que tão grande successo tem tido em toda a Europa, successo que ao vél a se comprehendendo perfeitamente; mas nas esquinas, ao lado d'esses cartazes appareceram já outros, do Colyseu dos Recreios annunciando para breve a estreia de miss Stewart, que dizem, em grandes letras, ser ella a verdadeira e unica inventora da tal *Dansa*.

Temos já duas verdadeiras e unicas inventoras da dança serpentina e naturalmente não de apparecer ainda muitas mais verdadeiras e unicas, se Deus quizer, como á entrada de Cintra pullulam as unicas e verdadeiras Sapsas.

A nós porém importa-nos muito pouco que ellas sejam verdadeiras ou não, com tanto que sejam boas. A miss Stewart não sabemos se é boa ou má, a miss Fuller, essa, é realmente magnifica e surpreendente nos seus trabalhos.

Vi-a na noite da sua despedida, noite em que o Colyseu devia ter uma enchente á cunha, enchente que me admirei muito de lá não encontrar, e fui vel a, não tanto por dever de chronista — a confissão da culpa deve attenuar a sua importancia — como por curiosidade propria.

Dever de chronista é ver a companhia italiana do Colyseu dos Recreios, e já lá vão semanas desde que esse dever é dever, e eu todos os dias para o cumprir e até hoje não o cumpri ainda. Com a miss Fuller cumpro o mais depressa, primeiro porque tinha os ouvidos cheios de elogios á famosa *dansa*, segundo porque vi nos cartazes de Lisboa annunciada a despedida de miss Fuller, para terça feira, e nos jornaes do Porto annunciado o seu *debute* ali para quinta feira.

E por isso, na terça feira, arranquei-me á minha indolencia habitual e ao anoitecer metti pernas ao caminho.

Até á rua dos Capellistas não encontrei lugar para mim e para minhas pequenas, n'um unico carro, quer americano quer pirata, como os dos americanos lhes chamam.

Até ali tive que ir a pé, e andar agora a pé, á noite, por Lisboa não é tão isento de perigos como havia direito de suppôr.

Nas ruas de Lisboa appareceu agora á noite um novo perigo — o velocipede, e eu proprio que estou escrevendo estas linhas ia n'essa mesma noite, no largo do Pelourinho, sendo apanhado por esse perigo, sendo atropellado por um velocipede.

Eu não percebo muito bem, porque é que a policia que obriga e obriga muito bem, os carros, as carruagens, as carroças, que fazem bulha com as suas rodas e os seus cavallos, a andar á noite com lanternas accensas, e deixa andar a correr pelas ruas da cidade os velocipedes, que não fazem bulha nenhuma, que não se ouvem nem se

quer se veem á noite, sem uma lanterna ao menos, para que os transeuntes os vejam, sem uma campainha, ou uma corneta, que annuncie a sua presença e previna os transeuntes para se afastarem.

Naturalmente está-se á espera d'alguma desgraça, d'algum atropellamento serio nas ruas da baixa, como um que houve ha noites no Campo Pequeno, para se tomarem providencias, que é o tradicional costume da nossa terra, as trancas postas só depois da casa roubada.

Mas vamos para diante. Escapo do velocipede no largo do Pelourinho apanhei na rua dos Capellistas um lugar n'um carro americano, que ia para o Arco do Cego e que portanto passava pela Rua da Palma.

O carro era da companhia dos americanos, mas não era carro americano, era um d'esses char-à-bancs pesados de que a companhia dos americanos tomou conta no principio do anno.

Os lugares que havia vagos eram á frente, ao pé do cocheiro e esses lugares permittiram-me assistir a um dialogo entre o conductor e o cocheiro, dialogo, que me explicou muitos d'esses atropellamentos que por ahí ha a miúdo.

Para eu entrar com as minhas filhas o cocheiro fez parar o carro e durante essa rapida paragem um carro de bandeira azul e branca, que vinha atraz e ia para o Intendente tambem, passou para diante.

O conductor do carro para que eu subira veiu immediatamente fulo increpar o cocheiro por ter deixado o outro carro tomar a dianteira.

— Mas o que queria você que eu fizesse? respondia o cocheiro com muito bom senso.

— Não o deixar passar!

— Mas estavam a entrar passageiros.

— Deixal-os estar! Era tocar logo os cavallos.

Tudo menos esse patife tomar-nos a dianteira! respondeu furioso irado, o conductor.

E este feroz «tudo, menos esse patife tomar a dianteira» é a explicação d'essa grande quantidade de cabeças quebradas, pernas partidas, costellas rendidas e braços deslocados, que constellam a historia, n'estes ultimos annos tão volumosa, dos atropellamentos nas ruas de Lisboa.

Quer dizer, se em vez do cocheiro ser um homem prudente commungasse nas idéas do conductor, se fosse este que por um triste acaso empunhasse as redens, eu teria dado n'essa noite o meu contingente para essa volumosa historia.

O conductor foi até á Praça da Figueira a resingar com o cocheiro por este ter preferido que o carro inimigo passasse á frente, a quebrar as pernas aos seus passageiros, depois não teve remedio senão resignar-se e nós chegámos inteiros e sãos, do que lhe pedimos desculpa, ao Colyseu da rua da Palma.

O espectáculo tinha já começado. Estava em meio uma zarzuela em um acto *A' agua patos*, que não percebemos lá muito bem, mas que é agradável aos ouvidos porque tem musica bonita e seria agradável aos olhos, se as coristas que vem vestidas para banho fossem bonitas, elegantes, e não se quizessem parecer tanto com as coristas portuguezas.

A essa zarzuela seguiu-se outra que nos pareceu menos interessante e por fim veiu o *clou* da noite, a *dansa serpentina*. A sala ficou completamente ás escuras e no palco illuminado a luz de côres sabia e artisticamente combinadas appareceu miss Fuller envolta n'uma montanha de saias de descommunal comprimento.

E' nos manejos d'essas saias combinadas com os varios efeitos de luz, que consiste a *dansa serpentina*, manejos e combinações que tem o seu quê de phantastico, de sobre natural.

O effeito é prodigioso, não se calcula sem se ver, e os applausos ao principio não são muitos pela admiração enorme, que nasce da extranheza do espectáculo.

No fim, quando o panno cae e o espectador cae em si, sae do encantamento, é que os bravos echoam em todo o circo e a *dansa serpentina* tem a grande ovação.

Repito não sei se a miss Fuller é ou não a verdadeira Sapsa, mas a sua *dansa serpentina* é d'um effeito maravilhoso.

* * *

Acabo de receber um livro que não é uma novidade de hontem, mas que só hoje vi, porque o primeiro exemplar que o seu auctor teve a amabilidade de me enviar não me chegou ás mãos — *A nota alegre dos tribunaes* pelo sr. Alfredo Pinto.

Apenas tive tempo de o folhear, mas é isso o bastante para ver que elle é interessantissimo e logo que tenhamos espaço, para tratar dos livros que temos sobre a nossa meza, a elle nos referiremos largamente.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

O CASAMENTO DO FUTURO REI DE INGLATERRA

S. A. O DUQUE DE YORK E S. A. A PRINCEZA DE TECK

Quando em janeiro do anno passado morreu o principe Alberto Victor, herdeiro presuntivo da corõa de Inglaterra, estava este principe para casar com a princeza Maria de Teck, casamento que devia realizar-se d'ali a poucos dias.

O lucto e a dôr substituiu então as galas e a alegria do noivado.

Pouco mais de um anno é passado, depois que a morte frostrou aquelle casamento, que se dizia ser de amor, e já na capella de Saint-James, se verificou o casamento d'aquella princeza com o duque Jorge de York, filho segundo do Principe de Galles e neto da Rainha Victoria, futuro herdeiro do throno de Inglaterra.

Caprichos do destino, que não poucas vezes amoldam o coração as conveniencias, e que no caso presente bem se poderá dizer que a joven princeza tinha de ser esposa, do rei de Inglaterra, até ao ponto em que é licito affirmar que o joven Duque de York venha a sentar-se no throno de Saint-James.

Isto é tanto mais para notar sabendo se que a protecção que a Rainha Victoria dispensou á princeza de Teck quando se tratou do seu casamento com o principe Alberto Victor, se mudara em opposição com respeito ao casamento agora realisado, o qual foi levado a effeito por vontade do principe de Galles, que aliaz fizera por sua vez opposição ao primeiro casamento projectado.

Não se sabe se a opposição que a Rainha Victoria fez a este casamento terá relação com uns boatos agora espalhados em Londres, de que o duque de York desposara ha tres annos, em Malta, a filha de um official da marinha ingleza, tendo já tres filhos d'esse matrimonio, realisado sem autorisação da Rainha, pelo que se considera nulo segundo as leis do paiz.

A cerimonia realisou-se, como dissemos, na Capella de Saint-James, junta do palacio real.

O corteje entrou no templo pela ordem seguinte:

Primeiramente a familia real ingleza e os principes estrangeiros, que occupavam oito coches, cujos cocheiros levavam ramos de flores brancas; depois a côrte e a rainha Victoria, trajando um vestido preto coberto de rendas; em seguida o noivo, acompanhado do pae e do duque de Edimburgo; por fim a princeza May, radiante de belleza, seguida de dez meninas de honor, todas netas da rainha Victoria.

A noiva trajava um vestido de setim branco com o corpete de seda pregueado, tudo coberto com grande profusão de rendas brancas e flores de laranja, que se distinguiam atravez das dobras do veu, extremamente comprido.

A benção nupcial foi dada pelo arcebispo de Canterbury, sendo executado o coro nupcial do *Lohengrin*.

Houve um silencio solemne quando o arcebispo perguntou ao duque, segundo a praxe:

«Quereis receber esta mulher por vossa legitima esposa?»

O *sim* do duque foi pronunciado com accento firme; não se ouviu tão bem o *sim* da noiva, que a rainha Victoria beijou affectuosamente quando terminou a cerimonia, emquanto a princeza de Galles abraçava o filho com effusão.

Eram 4 horas e meia quando o duque e a duqueza de York partiram para a estação de Liverpool-street. Os noivos passaram pelo Strand Fleet, a City, no meio de ornamentações de todo o genero, festões de flores e bandeiras, vendo se por toda a parte uma multidão compacta que se esmagava para ver os noivos. Aquella multidão como que recebeu uma profunda decepção ao ver os principes em uma simples carruagem, sem outro sequito que dois esquadrões de *horse guards*.

Houve quem pagasse 36,000 réis por um logar na egreja e 480,000 réis por uma janella.

Deram se varios accidentes: o marquez de Sibilaldi, tenente dos *Life guards*, cahiu do cavallo e feriu-se gravemente. Em Fleet-street cahiu um homem de uma janella, ficando logo morto; um outro foi esmagado por uma pedra. No Strand houve alguns casos de insolação e morreu uma mulher asphyxiada.

O príncipe Jorge Frederico Ernesto duque de York é actualmente o filho mais velho do príncipe de Galles. Nasceu a 3 de junho de 1865 e faz parte da marinha de guerra inglesa, onde é um dos officios mais distinctos, sobresaindo n'elle os dotes litterarios e scientificos a par de uma grande distincção que logo á primeira vista denuncia a sua nobre origem.

Lisboa recebeu a sua visita por occasião do casamento do príncipe D. Carlos hoje Rei, em que veiu representar sua avó, n'aquella cerimonia.

A princeza de Teck Maria Victoria Agostinha Luiza Olga Paulina Claudia Ignez é filha do duque de Teck (Wurtemberg) Francisco Paulo Carlos e da princeza da Grã-Bretanha e da Irlanda, Maria Adelaide Guilhermina, filha do príncipe Adolpho Frederico duque de Cambridge, já fallecido. Nasceu em 26 de Maio de 1867, pelo que lhe chamam a princeza *May* e porque é muito formosa.

Com este casamento a familia real inglesa não realisou nenhuma alliança estrangeira, pois são todos da mesma familia, o que não desagradou ao povo inglês, que recebeu este casamento, com demonstrações de agrado como não ha memoria na historia de Inglaterra.

COLCHA OFFERECIDA A SUA MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA

Noticiaram varios jornaes da capital que fôra entregue pelo nosso amigo o sr. Emilio Dias, a Sua Magestade a Rainha a sr.^a D. Amelia, um estojo contendo uma riquissima colcha e fronha, bordadas a seda, com applicações d'ouro, destinadas para o leito do jovem infante D. Manuel, Duque de Beja. Todos os jornaes são unanimes em tecer os mais entusiasticos elogios á auctora do gentilissimo brinde, que tão graciosamente soube aliar á graça da valiosa offerta o merito d'uma execução primorosa a todos os respeitos. Conseguimos obter uma photographia d'essa delicada dádiva, que reproduzimos em gravura.

A colcha e fronha, são de seda azul celeste, os bordados de seda em relevo, e as applicações de ouro e magnificas rendas de Bruxellas.

A colcha tem ao meio primorosamente bordada em relevo a inicial M, encimada pela corôa ducal ambas elegantemente lançadas e com tal primor de execução, que não se sabe o que mais admirar, se a graça singela do desenho se a singular paciencia, mimo e correcção, que presidiram a tão notabilissimo conjuncto. Aos cantos da colcha vêem-se riquissimos alamares de ouro d'um bello effeito e requintado bom gosto, completando d'esta forma esta bella peça artistica que se pôde, sem exagero, considerar como um gracioso poema d'agulha.

A fronha em seda da mesma côr da colcha, em nada desmerece do merecimento d'esta; n'ella se vê tambem a inicial encimada pela corôa, disputando os dois bordados entre si qual d'elles sobrepuja o outro em primores e graça de execução. Corôa e inicial acham-se ao meio da fronha, emolduradas de rendas magnificas de Bruxellas, tenuous, finas, graciosas como as mãos de fada que as applicaram.

Quando vimos estas duas admiraveis manifestações d'arte, achavam-se collocadas graciosamente n'um estojo, forrado exteriormente de peluche branca e interiormente de setim da mesma côr; a fronha era mantida no lugar que lhe estava destinado no estojo, por uma magnifica fita de seda *moirée* azul e branco.

Fallamos, embora resumidamente do gentilissimo brinde que constitue um primoroso objecto d'arte, digamos agora alguma cousa da graciôsa artista e do pensamento que presidiu e impulsionou o seu juvenil talento a conceber e realisar, d'uma forma superior, esse brinde principesco.

Liga-se a este facto, que é uma homenagem a uma graciôsa menina, uma recordação de pungente saudade; anda-lhe associado um nome prestigioso e querido que a inexoravel morte prematuramente roubou á patria, que el e desveladamente amara e aos amigos de quem era idolatrado.

Na sua peregrinação pelo Brazil onde fôra diluir amarguras que lhe envenenaram o existir, José Julio Rodrigues, soube então, como sempre, conquistar a sympathia e a amizade d'aquelles com quem mais de perto tratou. O seu diamantino caracter possuia essa mysteriosa força magnetica de attracção, que foi um dos principaes caracteristicos da sua privilegiada organisação, da sua rara e proeminente individualidade; conhecel-o era admirar-o, mas essa admiração transformava-se facilmente n'uma adoração incondicional.

A mãe patria que para muitos é madrastra, nunca *apeçar de tudo* deixou de ter n'elle um filho amân-

tissimo, que tanto trabalhara para a engrandecer e exaltar, dando-lhe todos os thesouros do seu incomparavel talento, toda a energia das suas raras faculdades, toda a dedicação inimitavel do seu coração de ouro, e como se tudo isto fôra pouco, quiz vir ainda, patriota sublime, trazer-lhe o seu derradeiro suspiro!

Na rapida estada no Brazil entre os diversos individuos que mais o obsequiaram e de quem o saudosissimo José Julio trazia mais gratas lembranças figuram em primeiro plano o commendador Bernardino Monteiro d'Abreu vice-consul de Portugal em S. Paulo e seu filho Daniel Monteiro d'Abreu, pae e irmão da gentilissima menina D. Amelia d'Abreu auctora do precioso brinde a que acima nos referimos.

D'esta familia trouxe o fallecido José Julio recordações tão gratas, que o seu coração reconhecido conservou até á morte, a ponto de poucos dias antes do seu passamento dizer n'uma expansão de maguada e grata saudade: «aquelle Daniel e Bernardino são uns anjos!» Foi em casa d'estes benemeritos onde José Julio encontrou a mais bizarra e gentil hospitalidade, que no meio d'uma conversa simples e familiar nasceu a ideia do gracioso brinde.

José Julio fora a inspiração d'essa ideia, Bernardino d'Abreu o auxiliar entusiasta, que da sua solida fortuna tão honradamente adquirida tirara o que para a sua realisação pratica fosse mister, D. Amelia d'Abreu a gentil artista que, com a sua excepcional aptidão e raro talento, deu execução e vulto a essa delicadissima ideia; por isso d'essa triplice alliança, inspiração, meios de fortuna e talento, surgiu esse delicado e mimoso brinde que Sua Magestade a Rainha tanto appreciou, pedindo para que certificassem á graciôsa menina que tanto a colcha como a fronha iam ter a applicação a que se destinavam sendo immediatamente empregadas no leito de Sua Alteza o Infante D. Manuel.

José Julio que era um amigo dedicado e sincero da Familia Real Portuguesa mostrava-se sempre entusiasmado e agradecido quando alguém manifestava desejos de os obsequiar, e n'esta conformidade animou a graciôsa iniciativa da familia Monteiro d'Abreu.

Foi elle o encarregado de trazer a Sua Magestade essa lembrança, quando voltou a Portugal, mas infelizmente ao chegar á patria a doença prostrou-o e ainda mesmo nos intervallos da febre não se cançava de recomendar mil cuidados com a preciosidade de que fôra portador.

A doença aggravou-se e sentindo proximo o fim d'essa vida preciosissima, sollicitou do seu amigo dilecto o Sr. Emilio Dias, em casa de quem falleceu, o favor de fazer chegar ao seu destino esse brinde que para elle constituia um deposito sagrado. Poucos dias depois d'este pedido, fallecia, tornando este facto mais uma ephemeride luctuosa para os annos da sciencia de que elle fôra um dos mais puros e mais fervorosos apostolos. D'aquelle magudo coração já quasi nos paroxismos da morte, não sahia sequer uma queixa, mas d'elle subiam aos labios envoltos no orvalho santo da gratidão e saudade os nomes d'aquelles que tanto amara.

O seu testamento, ultima joia sahida d'aquelle relicario d'ouro, foi a sua photographia moral.

Legou aos seus o grande thesouro dos que deixam na vida uma trajetoria de immaculada honestidade; uma lição e um exemplo.

E se a caprichosa deusa da fortuna lhe não dispensou sorrisos nem affagos, em compensação a sua alma pura, limpida e serena não teve na hora derradeira a assombrear-lhe os ultimos momentos a sombra d'um remorso.

De José Julio pôde dizer-se o que Isabel a Catholica disse ao ser-lhe communicada a morte de D. João II:

«Morreu o homem!» E se D. João legou á posteridade a fama imperecivel da sua energia enorme e deixou em todos os seus actos a impressão da sua vontade de ferro, José Julio legou á sua patria os resultados da util actividade do seu existir, á sociedade o exemplo da sua vida honestissima e a seus filhos o legado santo d'um nome querido e a memoria indelevel d'uma vida honrada e pura.

O NAUFRAGIO DO COURAÇADO INGLEZ «VICTORIA»

E O VICE-ALMIRANTE GEORGES TRYOIN

No dia 22 de junho ultimo deu-se na costa de Tripoli um horrivel naufragio, a noticia do qual, transmittida pelo telegrapho, produziu a maior sensação, tanto em Inglaterra, a quem mais de perto interessava, como no resto da Europa, onde

o sentimento de humanidade fez naturalmente lamentar a perda de trezentos e cincoenta e oito vidas, que tantas foram as victimas da catastrophe.

O navio naufragado foi o grande couraçado *Victoria* da marinha de guerra inglesa, e que fazia parte da esquadra do Mediterraneo, sob o commando do vice-almirante Tryoin.

O *Victoria* era o navio almirante da esquadra, sendo o segundo commandante o contra-almirante Markham a bordo do couraçado *Camperdown*.

No referido, dia 22 de junho, estava a esquadra no porto de Tripoli, quando o vice-almirante ordenou a sua sahida para fazer exercicio na costa.

Os navios sahiram em duas linhas paralellas com a distancia de mil metros. Na frente da columna da esquerda ia o *Victoria* e á testa da columna da direita navegava o *Camperdown*.

Pelas 3 horas da tarde o vice-almirante ordenou uma manobra em que, parece os navios deviam entrar todos na mesma linha, mas ao mesmo tempo que esta manobra se realisava, ouviu-se uma detonação a bordo do *Victoria*, como a de explosão de caldeira, e este navio abrandou a marcha e atravessou como que para parar. Na sua esteira navegava o *Camperdown*, que sem contar com aquella subita paragem do *Victoria*, não poude recuar a tempo e in-to de encontro a este cravou-lhe o esporão a meia nau abrindo logo um grande rombo. O *Camperdown* andou immediatamente para a ré, mas pelo buraco aberto no *Victoria*, o mar entrou á vontade e o navio tombou logo para estihordo principiando a metter a proa debaixo d'agua.

Estava perdido e o vice-almirante em breve o reconheceu.

Uma outra versão não falla que houvesse explosão a bordo, mas que o sinistro fôra provocado por uma manobra ordenada pelo vice-almirante Tryoin, mal calculada por este e tanto, que o contra-almirante Markham tivera duvida em obedecer quando viu o signal icado no navio almirante, o que motivou um novo signal d'este perguntando: Porque espera? Em vista d'aquella intimativa o *Camperdown* executou a manobra ordenada, vindo cahir sobre o *Victoria*.

Fosse como fosse o que é tristemente verdade é que o vice-almirante Tryoin não tardou muito em reconhecer o seu navio perdido, e depois de por alguns momentos ter hesitado em aceitar os escaleres que logo partiram do *Camperdown* em seu soccorro, ordenou com uma serenidade e fleugma genuinamente britannica, o salvamento da tripulação, mandando-a embarcar na melhor ordem compativel com a situação em que o *Victoria* se encontrava, dirigindo impassivel esse embarque, nos breves minutos que restavam ao navio para se conservar em cima d'agua.

Ao contrario do que se poderia esperar n'um caso d'aquelles, em que o instincto da propria conservação, superior a todas as disciplinas possiveis, não attendesse a ordens tratando cada qual de se salvar como melhor podesse, o embarque da tripulação por secções, fez-se, nos escaleres enviados do *Camperdown*, sob a melhor ordem, sem impacencias, obedecendo todos á voz do commandante, e assim se salvaram 215 tripulantes, que para tantos só chegou o tempo.

Emquanto este embarque se realisava, o *Victoria* invadido pelo mar, ia cada vez mais tombando para estihordo e submergindo-se a olhos vistos, e Tryoin, de pé, na ponte, firme em seu posto, mandando embarcar os seus marinheiros, ia, sereno e impassivel, deixar-se afundar no abysmo que se abria a seus pés, prestes a tragal-o.

E assim foi. Ao cabo de doze minutos o *Victoria* submergia-se por completo arrastando consigo o vice-almirante Tryoin e mais trezentos e cincoenta e oito companheiros da morte, sepultando-se a 162 braças de fundo.

Se Tryoin errou e com o seu erro originou toda aquella desgraça, a heroicidade com que soube morrer, absolve-o da culpa de ter feito perder tantas vidas.

O vice-almirante George Tryoin, era um perfeito lobo do mar, valente como o velho marinheiro a costumado ás tempestades e á ira das ondas, como companheiras da vida, incapazes de o atemorizarem.

Talvez essa demasiada confiança o perdesse no meio d'aquelle mar chão em que naufragou.

Tinha 61 annos, pois nascera a 4 de janeiro de 1832. A sua carreira foi brilhante e entre a officialidade da armada do seu paiz, era um dos mais considerados.

O *Victoria* em que elle ia, era do commando do capitão Maurice Bourke, um dos officios mais novos da marinha inglesa, que tem sido ajudante de campo do almirante duque d'Edimburgo e foi sub-director da repartição do *Naval Intelligence*.

O capitão Maurice Bourke foi um dos officiaes que se salvou e no seu relatório sustenta que a causa do naufragio foi o vice-almirante ordenar a manobra dos navios virarem de rumo sem terem o sufficiente espaço para o fazerem. Quando Tyroin conheceu o erro já não houve tempo de o remediar.

O couraçado *Victoria* e o *Camperdown*, que o metteu a pique, eram quasi eguaes. Aquelle tinha 10.700 toneladas, e este tem 10.630. O *Victoria* foi construido nos estaleiros de W. Armstrong

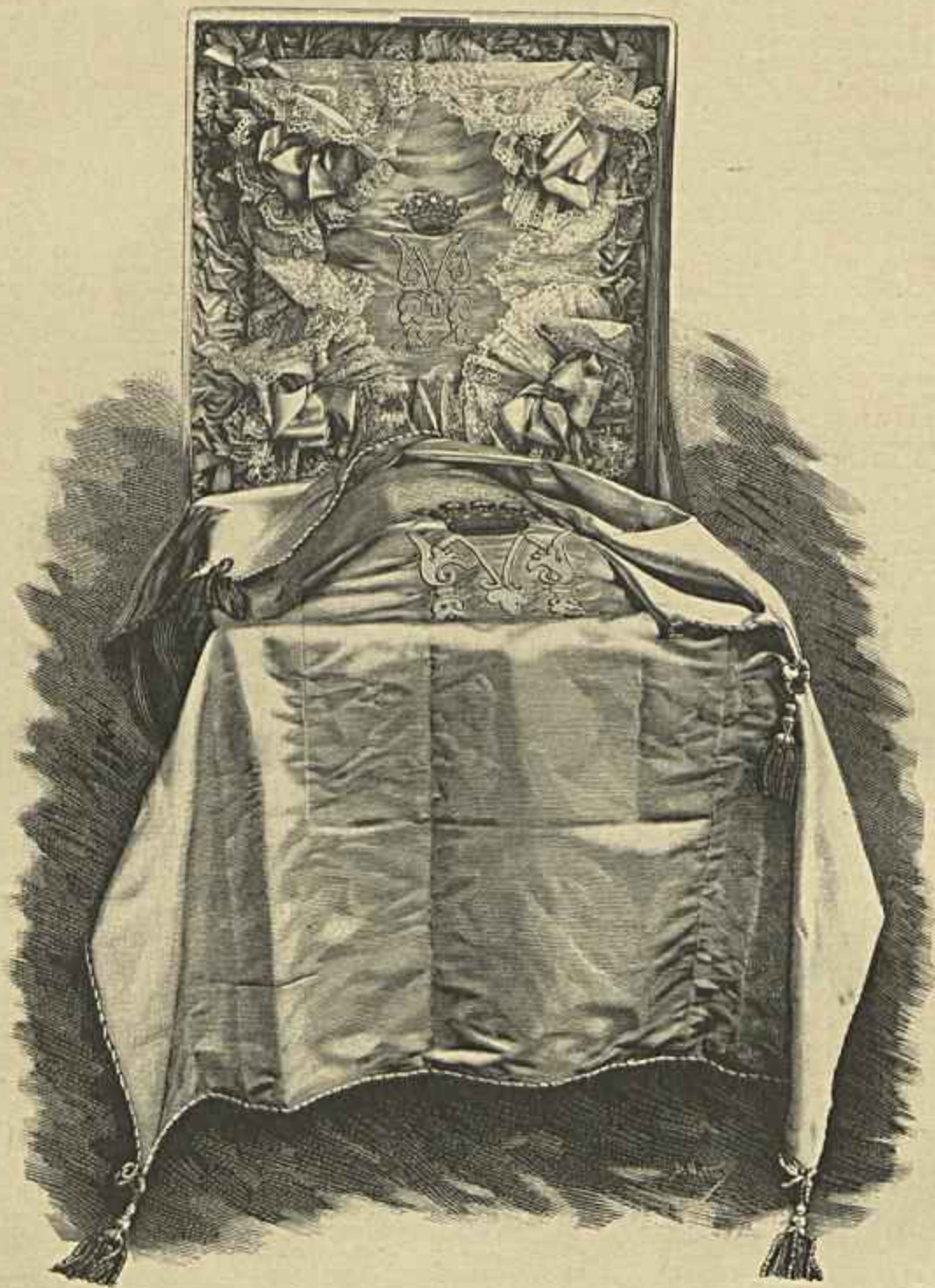
não é uma falta sensível a perda material do *Victoria*. A Inglaterra está constantemente construindo navios couraçados e ainda no dia 1 do corrente mez deve ter ficado concluido no arsenal de Chatham outro couraçado muito mais poderoso do que o que acaba de perder.

Chama se elle *Impress of India*, tem 14.150 toneladas e a machina da força de 13.000 cavallos.

E' por isto que a perda de tantas vidas foi muito mais para sentir, e a rainha *Victoria* suspendeu uma recepção que estava preparada em seu pa-

com o grão duque herdeiro do Luxemburgo. Hoje podemos dar noticia do casamento, em frente de uma carta do nosso amigo o ex.^{mo} senhor Conde da Redinha, onde este cavalheiro, testemunha de *visu*, dá conta minuciosa do modo honrosissimo para Portugal como, na pessoa de uma infanta portugueza, recebeu homenagem das primeiras familias nobres da velha Europa.

Foi na magestosa vivenda de Fischhorn, proximo do lago Zell em Austria que se realisou o enlace da infanta portugueza com o principe allemão.



COLCHA BORDADA DE APPLICAÇÃO A SEDA E OURO PELA EX.^{ma} MENINA D. AMELIA D'ABREU, OFFERECIDA A SUA MAGESTADE A RAINHA D. AMELIA

(Copia de uma photographia do sr. Camacho.)

Mitchell & C.^a em o anno de 1887, para commemorar o 50 anniversario do reinado da rainha *Victoria* de que lhe deram o nome. Foi n'aquelle tempo considerado como a construcção naval mais aperfeçoada que até ali se tinha feito.

Poderosamente armado, tinha á prôa 2 canhões de 100 toneladas com blindagem de 47^m. Mais 12 peças de 15 centímetros, 1 de 30 toneladas, um grande numero de metralhadoras ao todo 48 canhões e 8 torpedos completavam o seu armamento. O seu andamento era de 17 milhas. Custou trez mil e quinhentos contos.

O *Camperdown* em tudo semelhante ao *Victoria*, foi construido em 1885.

Para uma armada tão poderosa como a ingleza

lacio, logo que recebeu a noticia do horroroso naufragio, e enviou immediatamente um camarista de seu serviço a dar os pezames á viuva do vice-almirante Tryoin.

Casamento da senhora infanta D. Maria Anna de Bragança

No OCCIDENTE n.º 516 do actual volume, davamos conta de um telegramma, assignado pela real viuva de El-Rei Dom Miguel I, dirigido ao sr. conde da Redinha e participando-lhe o casamento de sua augusta filha, a sr.^a infanta D. Maria Anna,

Já aqui no OCCIDENTE publicámos uma noticia sobre a historia e situação do grão ducado do Luxemburgo e hoje temos a acrescentar ainda o seguinte:

O ducado do Luxemburgo era um condado do seculo XII e pertencia aos condes de Limburgo pelo casamento da condessa Ermesinda com Waleran de Limburgo.

Depois, tambem por casamento, entrou o ducado na casa soberana de Borgonha e por consequencia na casa de Austria.

O imperador Carlos V comprehendeu o ducado de Luxemburgo nas dezeseite provincias que formavam o Circulo de Borgonha.

O Luxemburgo ficou pertencendo á Hespanha

NAUFRAGIO DO COURAÇADO INGLEZ «VICTORIA»

até a guerra da successão; em consequencia da mesma guerra é annexado á Austria, e mais tarde pelo congresso de Vienna ficou fazendo parte da Confederação germanica porém ligado á Hollanda.

Por falta de successão masculina do ultimo Rei da Hollanda (Oranges) passou o Luxemburgo para o actual grão-duque como chefe da familia de Nassau, de que era pertence no 2.º ramo o Rei da Hollanda.

Ainda no anno de 1885 o Rei de Hollanda usava dos titulos de Rei dos Paizes-Baixos e principe de Orange-Nassau, grão-duque de Luxemburgo.

Agora não, o ducado está em uma familia allemã.

A familia de Nassau descende de um irmão de Conrado I duque de Francônia e rei da Germania em 912, mas o primeiro soberano foi Walram I que falleceu em 1020.

Nassau dividiu-se em duas linhas a Walramiana e a Ottoniana.

A segunda linha reina na Hollanda tendo tomado o nome de Orange por ter herdado este principado.

O ducado de Nassau foi incorporado no reino da Prussia no anno de 1867.

Fallemos agora da festa.

O casamento realisou-se no dia 21 de junho, as casas da localidade e o castello de Fischhorn estava tudo embandeirado.

O castello é pequeno mas muito bonito, o vestibulo e a escadaria estavam ornados com tropheus de ar-



O VICE-ALMIRANTE GEORGE TRYOIN

mas antigas e festões de verdura, as salas guarnecidas de moveis antigos, magnifica obra de talha.

A chegada do grão-duque do Luxemburgo e do herdeiro seu filho, uma banda militar tocou o hymno luxemburguez.

O grão duque herdeiro está ainda convalescente de uma queda em que fracturou um braço, trazia este ao peito.

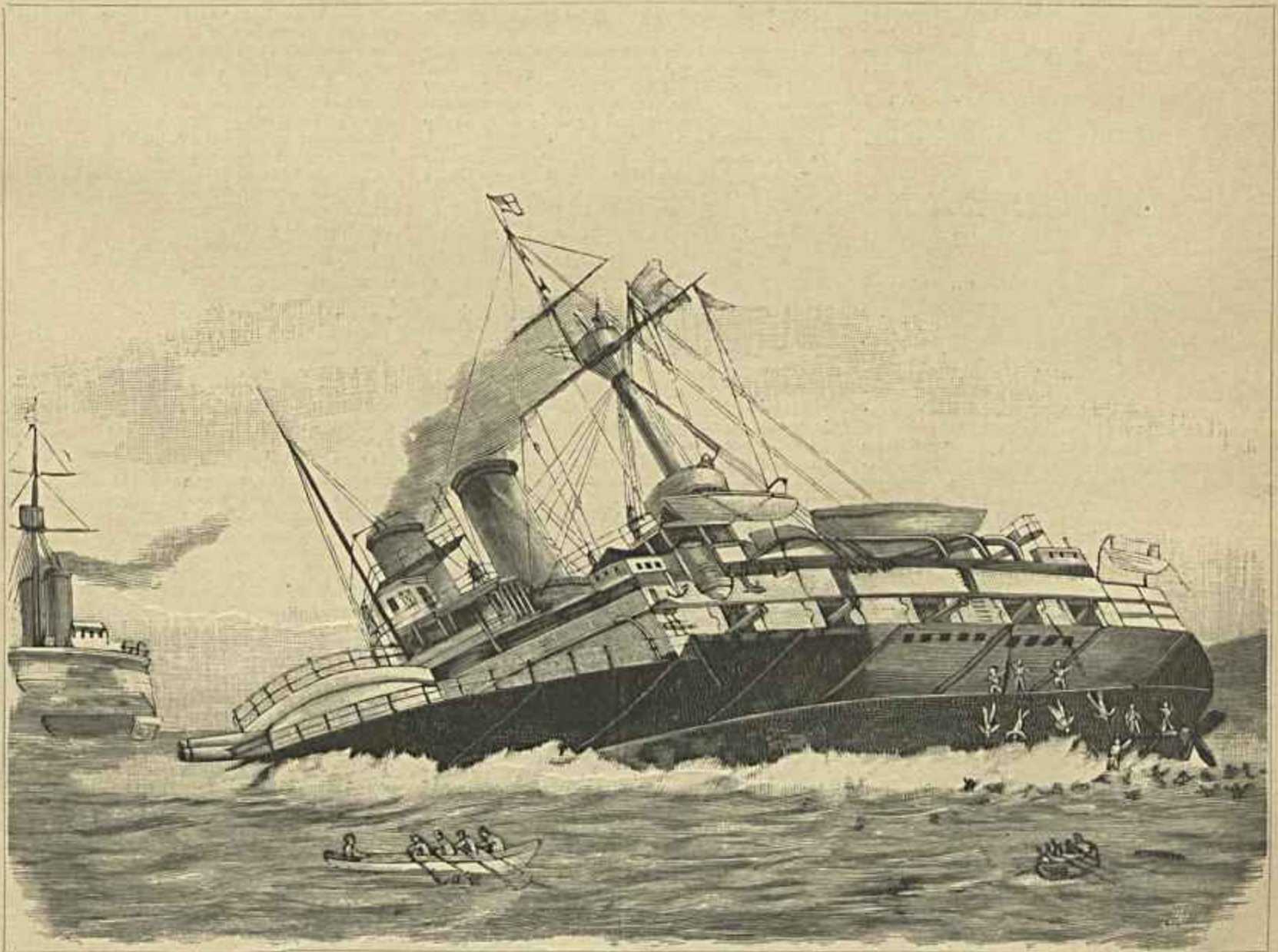
Ao entrar o archiduque de Austria Carlos Luiz e sua esposa a nossa infanta D. Maria Thereza com sua filha, a banda tocou o hymno austriaco.

A comitiva seguiu para o salão em que teve logar o jantar de galla de mais de cincoenta talheres; houve varios brindes, sendo o primeiro do Sr. D. Miguel de Bragança aos noivos e á familia de Nassau.

Findo o jantar, os habitantes de Fischhorn, invadiram as dependencias do castello com balões venezianos, em canticos alegres e danças festivas.

Então o lago de Zell tomou uma feição phantastica! sulcado por uma multidão de barcos illuminados a balões de mil cores e cantando os tripulantes còros populares; e em uma e outra margem emoldurando este quadro encantador, as montanhas picadas de fogueiras que se reflectiam no Zell semelhante myriades de estrellas.

A cerimonia do casamento celebrou-se na capella do castello ás on-



SUBMERSÃO DO COURAÇADO «VICTORIA», EM SEGUIDA A' INVESTIDA DO «CAMPERDOWN».

Cópia da *The Illustrated London News*

ze horas da manhã sendo celebrante o cardeal bispo de Salzburgo.

Assistiram o Sr. D. Miguel de Bragança e sua mãe, os príncipes de Lowenstein, os infantes D. Affonso e D. Maria das Neves de Hespanha, o archiduque Carlos Luiz de Austria e sua esposa, duques de Parma, condes de Bardi, archiduques Izabel e Maria Annunciada, princezas Thereza e Anna de Loewenstein, as princezas Antonietta e Maria de Isemburgo e os jovens príncipes Aloisio e Maria Loewenstein.—era este o séquito da noiva, a sr.^a infanta D. Maria Anna de Bragança.

Acompanhando o noivo iam os grã duques do Luxemburgo, os grã duques herdeiros de Baden e a princeza Hilda do Anhalt.

Além d'estes personagens assistiram também ao principesco enlace o archiduque de Austria Luiz Victor, os dignatarios do Luxemburgo, conde da Redinha, Pestana da Silva e padre Reis.

O casamento foi realizado segundo os preceitos da Religião catholica; porém como o noivo era de outra religião saíram da capella os augustos noivos e respectivo séquito e dirigiram-se a uma sala onde estava o ministro protestante, o qual declarou reconhecer legitimamente casados os conjugues prescindindo de exercer a sua auctoridade.

Acto continuo serviu-se o almoço. Na primeira meza presidida pelo senhor D. Miguel de Bragança estavam a grã duqueza do Luxemburgo, os noivos, o grã duque do Luxemburgo, a grã duqueza de Baden e o conde da Redinha.

Na segunda presidia a sr.^a D. Adelaide viúva de El-Rei D. Miguel I, acompanhada do cardeal celebrante, archiduque de Austria e o duque de Parma e as infantas D. Aldegundes e D. Maria das Neves de Bragança.

Na terceira, quarta e quinta mezas presidiam a princeza de Loewenstein, o príncipe de Loewenstein e conde de Bardi.

Os filhos do Sr. D. Miguel de Bragança não assistiram ao casamento de sua augusta tia porque, segundo determinação de sua avó, a viúva de el-rei D. Miguel, podiam prejudicar os seus estudos e por isso faltarem aos seus exames, que estão proximos, contudo o mais novo dos príncipes compoz um hymno que offereceu á sr.^a D. Maria Anna de Bragança.

As *toilettes* das senhoras eram, de raro esplendor e para que se faça boa idéa aqui transcrevemos de uma carta de Fischhorn a descripção de esses vestidos.

«A noiva trajava vestido de brocado, véo de tulle acompanhando até a baixo a comprida cauda, diadema de brilhantes acompanhando a corôa de flôr de laranjeira.»

Vae na singella linguagem do santo amigo e nobre fidalgo que a escreveu.

«A senhora D. Adelaide, viúva de El Rei D. Miguel, vestido de damasco cizento claro, coberto de rendas pretas de Inglaterra.

«A Senhora Infanta D. Maria das Neves, vestido de damasco côr de rosa guarnecido de plumas, 3 fios de brilhantes na cabeça.

«A archiduqueza D. Maria Thereza, vestido de brocado azul claro, brilhantes e saphiras na cabeça e pescoço.

«A princeza D. Maria Aldegundes, condessa de Bardi, vestido tecido a ouro e azul claro, fio de brilhantes e botões dos mesmos na cabeça tendo sido alguns do diadema da rainha Maria Antonietta.

«A duqueza de Parma, vestido de velludo azul celeste coberto de rendas brancas, diadema de brilhantes, collar e brincos de perolas.

«A grã duqueza de Luxemburgo, vestido de setim branco a cachos de lilazes e rendas valencianas, ramo de brilhantes na cabeça, perolas e brilhantes no peito.

«A princeza d'Anhalt, vestido de setim côr de malva guarnecido de tulle bordado a perolas, fio de brilhantes.

«A grã duqueza de Baden, vestido de setim Pompadour, e um pequeno chapeo de velludo tecido a ouro, guarnecido de rosas, perolas no peito.

«A princeza de Loewenstein, vestido de velludo e brocado bronceado, rendas de Bruxellas, brilhantes no pescoço e cabeça.

«As jovens archiduquezas Maria Annuciata e Izabel, vestidos de seda cor de rosa, collares de perolas.

«A princeza Theresa de Loewenstein, vestido em crepe japoneza pintada e bordada com o fundo branco e flores cor de rosa.

«A princeza Anna de Soewenstien, vestido em siliciana cor de rosa.

«A princeza Antonietta Isemburgo, vestido em crepe azul claro, mas em velludo cor de laranja.

«A princeza Maria Isemburgo, vestido de seda côr de rosa, guarnecido de velludo verde e guipure.»

Agora, os presentes dos parentes dos noivos, tornando-se notavel o facto, e a meu ver bem eloquenté, do augusto irmão da noiva e sua respeitavel mãe nada offertarem á *corbeille* da noiva.

E' que ha sentimentos tão delicados que a publicidade deve calar-se e recuar. O contrario seria uma profanação.

Os presentes, foram todos, na proporção das poderosas casas que representam os nomes que vamos apresentar.

Do grã duque, um collar de tres fios de perolas com fecho de diamantes;

Da grã duqueza, um broche composto de uma saphira grande cercada brilhantes;

Da grã duqueza herdeira de Baden, uma meia lua de diamantes;

Da princeza de Loewenstein, um magnifico leque de rendas com monogramma em diamantes;

Do príncipe de Loewenstein, um bello quadro representando o castello de Fischhorn;

Dos infantes de Hespanha, uma grande estrella de diamantes;

De SS. AA. II. os archiduques d'Austria Carlos Luiz e Maria Thereza, um diadema de brilhantes;

Dos duques da Baviera, os duques de Parma e os condes de Bardi, um riquissimo collar de cinco fios de perolas com fecho de brilhantes;

Dos duques de Cadaval, uma pulseira de brilhantes e magnificas perolas;

Da ex rainha de Napoles, um alfinete de diamantes;

Da duqueza de Alençon, uma pulseira de perolas;

Da condessa de Funfikirchev, uma pulseira de diamantes, rubis e opolas;

Do príncipe de Taxis, uma pulseira de torquesas.

Dos príncipes reinantes da Bulgaria, uma pulseira de saphiras e diamantes.

O príncipe da Baviera não pode assistir ao casamento nem sua esposa, a infanta portugueza D. Maria José de Bragança por estarem, como se sabe, de lucto pesado.

Eis como lá fora, no estrangeiro princezas de Portugal são consideradas e como longe d'este triste meio tudo brilha e vence.

Manuel Barradas

A INDUSTRIA DAS RENDAS

AO III.^o EX.^o SR. DR. JAYME MAUPERRIN DOS SANTOS

IV

As rendas no commercio, a sua classificação geral. Os logares mais afamados no fabrico de rendas, modo d'esse fabrico. A Belgica. A França. A Austria. A Suissa. A Hespanha.

Passando a analysar as rendas, como objecto possivel de commercio, achamos a classificação de *finas e communs*; classificam-se assim pelo nome dos logares em que se fabricam com mais fama; diz-se, portanto, no commercio: o *ponto de Bruxellas* ou *as de Bruxellos*, as *Malines*, o *ponto d'Alençon*, etc.

Para bem precisar o valor e definir o nome, vamos descrever estas rendas, já citadas, seguindo a ordem de qualidade e preço.

Bruxellos. As mais bellas rendas de linha, as mais procuradas pela finura, pelo gosto e pela variedade, graça e belleza do desenho, são estas; são também as mais caras. Por curiosidade, diremos alguma coisa, sobre o fabrico d'estas especies mais reputadas; as de *Bruxellas*: não são feitas totalmente por uma só e mesma mão, como se fazem d'ordinario as rendas a bilro; mas, uma rendeira faz os fundos, uma outra, as flôres; e assim successivamente até acabar; n'esta divisão escolhe-se a phase do trabalho em que a rendeira seja mais perfeita. Os fios são apropriados a cada parte do trabalho. Ha uma certa habilidade do fabricante, tanto na escolha das materias primas como em distribuir a obra segundo o talento da artista. As flôres das *rendas de Bruxellas* são todas contornadas com uma especie de cordãozinho fino e regular.

Nas rendas finas de Bruxellas, chamadas *ponto*

de Bruxellas, a redeseinha do fundo fabrica-se em quadradinhos d'uma pollegada de lado e que se ligam á agulha em numero sufficiente a dar a largura que se quer obter; esta operação chama-se *lêe racroc*. Sobre este fundo ou rêde applicam as operarias de Bruxellas, á agulha as flôres dos desenhos fabricados separadamente, em diversos pontos da cidade.

Ha mais de setenta annos que se substituiu a redeseinha indicada por um *tulle* d'algodão muito aperfeçoado feito em Inglaterra, pelo systema mecanico e conhecido no commercio com o nome de *tulle de renda*. Esta renda que imita as verdadeiras de Bruxellas, tem n'as substituido quasi completamente e dão uma economia de mais de tres quartos no preço e muitas vezes mais.

Malines. As rendas de Malines occupam o segundo lugar, differem das de Bruxellas em que se fabrica d'uma só peça e a bilro. O seu caracteristico particular é um fio plano que borda todas as flôres, desenhando lhes todos os contornos e dá lhe a apparencia d'um bordado; é isto que faz com que se chame a esta renda *maline bordada*. Este genero, era ha cerca de cincoenta annos objecto d'uma grande fabricação, perdeu actualmente dois terços da sua importancia. Isso não se deve attribuir senão aos caprichos da moda.

O commercio das rendas, cujo uso é por assim dizer, privilegio da fortuna, segue todas as fluctuações do luxo e da moda. Se, n'um anno, a voga favorece este artigo, a fabricação não pôde satisfazer as encomendas; mas, se a moda vem e de repente, muda para outros objectos, as fabricas acham-se atestadas de mercadoria de tanto mais difficil venda d'ahi em diante, quanto ella se deteriora estando armazenada.

Valenciannas. As rendas Valenciannas sendo d'um uso continuo, estão fora das fluctuações da moda. Fazem-se como as *malines* ao bilro, com um mesmo fio e com uma rêde já redonda, já triangular, mas este ultimo genero é o preferido. Embora sejam menos ricas e menos apparatusas, são rendas muito mais solidas e esta vantagem as torna mais caras que as de Malines, que as exceedem em elegancia e sobretudo pelos desenhos. A sua finura extrema, junto á equaldade do tecido, equaldade que as distingue, fórma um outro genero de belleza. São logares de grande producção d'estas rendas as seguintes localidades da Belgica: *Gand, Alost, Courtray, Bruges, Menin*, etc., que empregam cerca de quatro mil operarias.¹

O *ponto d'Alençon*, que gosou outr'ora uma grande voga, está quasi abandonado, hoje. No intuito de proteger esta industria temos noticias d'umas *cartas* de 1684 que prohibiam as rendas de Veneza, Genova e Flandres.

O *ponto d'Alençon* differê do de *Bruxellas* á agulha, cujo fundo é feito em redeseinha quadrada e o bordado a agulha, emquanto que, n'este d'Alençon, o fundo e a *bordadura* fazem-se totalmente á agulha.

A fabricação das rendas, ramo importante da industria de varias cidades de Flandres e da Normandia é a occupação principal d'um grande numero de mulheres, sobretudo nas aldeias que se avizinham de *Lille, Caen* e *Bayeux*. Em 1825, calculavam-se em trinta mil as operarias d'estas duas cidades.

Outras cidades, taes como *Honfleur, Dieppe, Mirecourt, Arras* e *Puy* fabricam muita renda, a materia prima mais usada é o fio d'algodão.

Se passamos á *Austria* vemos que, a industria das rendas, ahi foi introduzida ha cerca d'um seculo e tem tomado grande importancia. Em *Elbogen*, na Bohemia, empregavam-se em 1819, cerca de oito mil e quinhentos individuos e avaliou-se a producção em trezentos mil florins. O genero da fabricação adoptado é pouco mais ou menos o mesmo que o de *Puy*.

Na *Suissa*, esta industria, tem perdido progressivamente toda a sua importancia, contudo ainda se fazem algumas bellas rendas d'algodão.

Em *Hespanha*, ha dois pontos importantes: *Barcelona*, que fabrica algumas rendas pretas cuja qualidade é inferior; em *Almagro* ha uma fabrica de rendas, ahi se fazem primorosos *encojes* e dá trabalho essa fabrica a mais de trezentas mulheres que ganham por dia, cerca de cento e cinquenta

¹ Eduardo Coelho, no seu livro *Passelos ao Estrangeiro*, dá-nos esta nota que, além de geral, n'este ponto é que tem origem.

«Os auctores (Clovis Lamarre e Jorge Lamy) dão em seguida varias informações sobre o viver pobre das rendeiras, que tem salarios diminuitissimos, como geralmente succede a esta infeliz classe, ainda mesmo nos paizes muito afamados; n'essa producção, como por exemplo, *Bruxellas*, onde entramos ha pouco, n'uma das primeiras fabricas em que se pede aos visitantes esmoia para as operarias. O livro referido por Eduardo Coelho tem por titulo, *Le Portugal à l'Exposition Universelle de Paris, 1878*»

reís. Apesar de tão pouco salário, os objectos produzidos custam sommas importantes devido ao enorme trabalho: uma mantilha de seda branca perfeita e de bom trabalho, custa cento e quarenta mil réis. Mas, ha as até de cinco duros. Em *Almagro* já se fez uma obra em renda que occupava um immenso tear em que se encontraram trabalhando — não sabemos por quanto tempo — cento e sessenta e duas mulheres. De *Barcelona* devemos, ainda, dizer que é a cidade mais industrial da Hespanha e que as suas rendas, actualmente, são dignas do progresso artistico d'essa cidade catalã.

Esteves Pereira.

DOM TAROUÇO

EXCERPTO

Em roda da capelinha branca da Senhora da Afflicção, situada n'uma porrellá sobranceira ao Moinho Novo, a Delfina arrastava-se de joelhos, devotamente, maguando a carne das suas pernas sobre a dureza arranhante do chão. Levantava com ambas as mãos a saia, por diante, para não a enrodilhar no seu custoso movimento d'aleijada; e, sob o capuz embocado do vistoso lenço amarello, d'uma coloração ardente de labareda, abaixava a fronte escorrente de suor, com a humidade que é de preceito para a execução consciante d'um ligeiro sacrificio. O seu olhar, assim, encontrava-se com a pejante grossura do ventre, abalado pela gravidez. E, na sua offerenda mental, intercalada com as resas que lhe remexiam os labios, a mulher do Estevam prometia meia arroba de cera à Virgem milagrosa, prodiga d'amor inefavel, e dispensadora d'alívios para todos os transees das dôres humanas, se lhe fosse deparada, em troca, uma hora de feição para o seu primeiro desencargo de mãe.

No adro deserto, o marido esperava pacientemente, à sombra d'um pequeno pinheiro manso. Fôra aprazada aquella tarde de setembro, para a Delfina delinear a sua convenção religiosa, adornada d'orações. E uma soalheira torrente de fim do verão incendiava os ares, esfumava as montanhas com uma velatura adusta de calor. Olôres de plantas sylvestres, almas de vegetações derramadas dos seus envolveros, transfundiam-se no espaço, evoluadas até ao céu n'uma intensa vibração, palpitante e subtil. Já as perdizes chocarejavam pelas vinhas, bebendo a sua gula d'aves obesas nos bons cachos amadurecidos; enquanto que os milhos estendidos nas etras, a seccar em camadas planas d'espigas ou de grão, reluziam vivamente, como fulvos depositos de farelos d'ouro.

Mas um espectáculo distante interessava a ociosidade do Estevam. Reduzidas pela estiagem, as aguas do Douro espelhavam-se n'uma cava da sua atormentada bacia, enreflexadas d'azul ao principio, e depois alisadas em tonalidades baças de chumbo derretido. Fugiam no escoamento d'uma curva lenta, por entre paredões desarrumados de penhascos, brunidos pela claridade cegante, que os configurava severamente em blocos de bronze queimado; e as velas quadradas d'algumas barquinhas, que vinham aproveitando o vento favoravel da barra, e subiam ao centro do rio, n'uma cauda cortada d'intervallos irregulares, pareciam os alvos guiões embarrigados d'uma procição fluctuante.

A Delfina terminou o seu gyro de penitente, parou ainda defronte do altar, coja toalha rendada se descobria pelo postigo, entalhado na porta, e vedado com uma grade ferrugenta; e murmurou a ultima supplica d'uma *Salve Rainha*, benzendo-se no fim de tudo, com a mão muito espalmada. De seguida, foi estatelar-se ao pé do homem, esvaída de cansaço, e limpou a cara alagada ao avental.

O Estevam clamou alegremente:

— Agora, toca a marendar, que temos o apetite bem acirrado! Cá a mim, já se me barreu o jentar do estamago...

Ella assentiu:

— E eu preciso d'um quinhão suprido, p'ra atabafar a minha fome e mais a do qu'anda no nascedouro...

Ria-se de prazer, no contentamento d'estar em salvadora avença com a poderosa e compassiva Senhora, que se enclausurava allí solitariamente, anichada no sanctuario obscuro do seu templosinho montez. Abrindo um taleigo lavado, o Estevam desensaccou duas galinhas cosidas, uma parelha de salpicões com a pelle azeitada, e magnificas maçãs colhidas da arvore poucas horas antes. E,

sem o aparato inutil dos talheres, trincando a pleno dente os bocados que resistiam à partilha preparatoria das unhas, ambos comeram refesteladamente, saborearam cada fornada d'alimento com uma solida placidez d'animaes sádios. Não escaparam senão os ossos, rapados com gana, ao cabo do repousado e devorante repasto. O moleiro arrotava impavidamente n'um engulho de fatura; mas, para divertir a mulher, apalpava a barrega com uma comica desconsolção, fingia se tropego de fraqueza, e requeria um cordel para segurar as calças na cinta esgaldada. Topando com a cabaça, que levava atestada de vinho, escorripichou-a até ella soar a vasia, beijou-lhe soffregamente a ponta furada, sem perder uma gota; depois, enfiado com a sua esterilidade quiescente, atirou-a fóra, fazendo-a rebolar por um declive mattagoso, com o ruído esmorecido d'um triste objecto rejeitado.

Como aquelle estrago molestasse os seus instinctos de poupança e de sensato governo, a Delfina raihou com elle.

— Sempre me sabistes um tal espedulario!

O sol pendia para o horizonte, abraçado n'ua resplandecencia de hostia divina, que consubstanciasse toda a fulguração da luz eterna, para envolver o mundo na effusão da sua chamma consagrada. Um diluvio calmo de lume, transparente e aereo, alourava os cabeços hostellados de rochedos e os espinhaços dos montes, por onde as florestas verdosas se desenrolavam á larga, como immensas cabelleiras da terra. E pelos rachões dos valles entrecruzados começava a alapar-se um diaphano ensombramento crepuscular. Ao norte, sobre a garupa côr de castanha d'uma serra ameizada de picos bravios, chispavam fogachos de sarças rasteiras, encimados por volantes neblinas de fumarada parda, que se inclinavam na direcção da aragem.

O Estevam pôz-se a apontar com o dedo:

— Olha uma queimada tão grande, lá muito ó longe! Foram os pastores que a accenderam, naturalmente.

E a Delfina, orientada por uma nitida intuição, bradou com força, assim como quem de repente torna a avistar uma nesga amada de patria:

— O rapaz, acolá é o Marão!...

Elle deu-se por sabedor, concordando:

— Pois isso é, quem s'admira!

E, para cobrir o intimo desaire de não ter distinguido tambem, de lança, aquelle relêvo capital do panorama, accrescentou:

— Hom de cair faguhas do brazeiro im riba dos Coivos, queres apostar.

Então, a Delfina amolleceu n'um enternecimento de nostalgia, com um regimo de lagrimas nos cantos das palpebras tremulas, ao pensar na encenação incomparavel da sua bella paisagem materna, aformoseada pela idealisação da ausencia. De maneira que o marido apressou-se em animal-a, acenou-lhe com um projecto tentador:

— Nun chores, lscuita. P'ró anno que vem se Deus quizer, botamos de sucia intê ós Coivos. E tu terás de carregar c'o nosso criouço, p'ra s'elle apresentar ó avósinho... Veremos se nun fallo verdade.

Era tempo de voltarem para casa.

Um ao lado do outro, fizeram uma genuflexão rapida diante da porta da capella. E, completada a sua tarefa votiva, desceram a celeres pisadas pelo carreiro barrancoso que ia entroncar com a viella principal de Santiago, onde passaram á tardinha, no ordenamento de marcha que estipula a antiga regra de jerarchia e respeito entre os casados,— o homem rompendo á frente, de vestia ao hombro, apoiado ao marmeleiro ferrado e de choupa, e a mulher bambaleando-se logo atraz, com o seu chalinho n'um braço e as chinellas de biqueira envernizadas a estalejarem contra os calcanhares, n'uma soupinhada cadencia de castanhetas.

Quando chegaram ao moinho, anoitecia docemente. Sem se importarem com a ceia, que a Delfina costumava cosinhar ao bater das Ave-Marias, sentaram-se a descansar no quinteiro, sob a deliciosa frescura de relento que o ribeiro marulhoso exhalava. O poente acabava d'apagar a sua fulgida illuminura, esfuminhada com fusões de granadas e de topázios, que tinham suspendido no limiar do infinito uma fugaz vidraçaria d'apothose; e apenas se velava, levemente, com vestigios de ruborescencias quentes, semelhantes a uma vasta pulverisação de rosas evaporadas ao fogo. Dominando a barulheira do açude, que se ensurdia monotonamente pela continuidade, as rãs coaxavam em algazarra, como se esparrinhassem as suas exquisitas vozes, que se tomariam pelo proprio canto do lodo. Uma cabrada que regressava á corte, guizolando plangencias de campainhas gastas, roçou pela penumbra em uma caricia vacillante de

musica. D'alguma esfolhada invisível elevava-se a echoação d'um côro amortecido, que se prolongava com uma gravidade de litania, gurganteada de manso pelos trabalhadores dos campos. A gritaria innumeravel dos grillos, miuda e crepitante, propagava-se com a pastosidade do seu effeito geral, á medida que a efflorescencia diamantina das estrellas desabrochava na abobada escurentada. E os guardadores dos milharões serodios, afugentando os teixugos destroçadores, correspondiam se ao despique com as sonoridades barbaras das suas velhas buzinas rouquejantes, cujos accordes guerreiros se requiebravam ás vezes n'uma serie de ronquidos melancolicos, até se perderem gradualmente em suspiros espectraes de balada.

Por toda a parte, uma expansão de vida resoava nos rumôres nocturnos, um pouco visionada e engrandecida pela profundidade da treva. Mas o campanario da freguezia, n'uma toada lenta, badalou o toque das Almas. E, com as mãos postas, o Estevam e a Delfina encommendaram os seus defunctos, recitando uma prece estropiada:

— Antr a hostia e o cáes, Senhor da Mesericordia, nós peccadores vos rogamos que tenhães im vossa presenciam santissima aquelles qu'amamos na terra e continuemos a qu'rer im nossos corações, e qu'a todos deis secorro e luz da Rezoão, p'ra remirem as faltas im que cahiam por sua inclinação miserable. Livraide nos, Senhor, das más atenções e dos passos im falso no caminho da berteude, im nome da Paixão do vosso devino Filho. Amen. Jesus, Maria e José.

Engorolaram ainda, em silencio, alguns pares de padre-nossos e ave-marias. E depois recolheram-se, foram deitar-se no esconso acanhado que lhes servia de quarto de cama.

Monteiro Ramalho



REVISTA POLITICA

No dia 15 do corrente encerrou-se o parlamento, conforme estava determinado depois da ultima reunião do Conselho de Estado, e bem se pôde dizer que se encerrou com chave de ouro, n'uma espetaculosa manifestação de patriotismo, que nem por vir um pouco tardia deixou de ter o seu effeito platónico.

Foi ainda o caso da reunião de Badajoz que provocou aquella manifestação da camara, manifestação que, parece, não haveria se não fora um simples telegramma enviado ao parlamento pela camara municipal de S. Pedro do Sul.

O telegramma era concebido n'estes termos: «A camara municipal d'este concelho, na sua sessão de hoje, deliberou unanimemente levantar perante v. ex.ª a manifestação de desagrado pelas idéas, que se dizem expendidas por alguns republicanos portuguezes, na sua ultima reunião, celebrada em Badajoz, e protestar contra a federação iberica, como anti-patriotica e offensiva da nossa autonomia e independencia.— O presidente A. Henriques.»

Lido na mesa este telegramma o effeito não podia ser mais prompto, excedeu todas as panaceias annunciadas para fazer crescer o cabelo ou dar cabo dos callos. A camara levantou-se toda como se aquelle telegramma fora uma mola impulsiva que a fizesse despertar, n'um estremeção de patriotismo até allí muito pacatamente socgado pela mais doce tranquillidade da autonomia da patria.

Aquelle telegramma enviado á camara vinte e dois dias depois da celebre reunião de Badajoz, foi para ella uma revelação inesperada do que se tinha passado na fronteira de Portugal, porque se o telegramma não vem, o patriotismo continuaria a sua soneta no seio da representação nacional.

Oh! quanto te queremos benemeritos patriotas de S. Pedro do Sul!

Como vós livrastes, á ultima hora, o parlamento portuguez da vergonha de fechar as suas portas sem abrir o coração em arrebatamentos de amor patrio, que tão bem vae aos escolhidos da urna.

Vós é que fostes a salvadora gloriosa, camara de S. Pedro do Sul.

Cabe-vos essa gloria por completo, porque nem antes, nem depois de vós mais ninguém revelara ao parlamento aquelle attentado de Badajoz, de modo que não podia vir mais a propósito o telegramma para o parlamento expluir em patriotismo.

Assim foi que ao ouvir ler-se na mesa o revelador telegramma, sahi logo a campo o sr. Carlos Lobo d'Avila, ponderando que não lhe parecia curial que se enserrassem os trabalhos parlamentares sem se fazer referencia a um facto que ferira a alma nacional no que ella tem de mais melindroso e respeitavel.

E sob esta idéa discursou eloquentemente arrebatando o auditorio.

O sr. Jacintho Nunes, unico deputado republicano que assistiu á sessão, e que fora um dos convivas da bambuchata de Badajoz, explicou como ponde o que ali se passara e explicou como ponde porque disse não estar preparado para assim, á queima roupa, defender a sua causa, declarando que tinha ido a Badajoz concertar com os republicanos hespanhoes os melhores meios de combater as monarchias de lá e de cá, com o mesmo direito com que El-Rei D. Carlos fora o anno passado a Madrid concertar com a Regente de Hespanha os melhores meios de sustentar as

tas em outro qualquer parlamento que não o portuguez, dariam motivo a que o declarante passasse serios trabalhos.

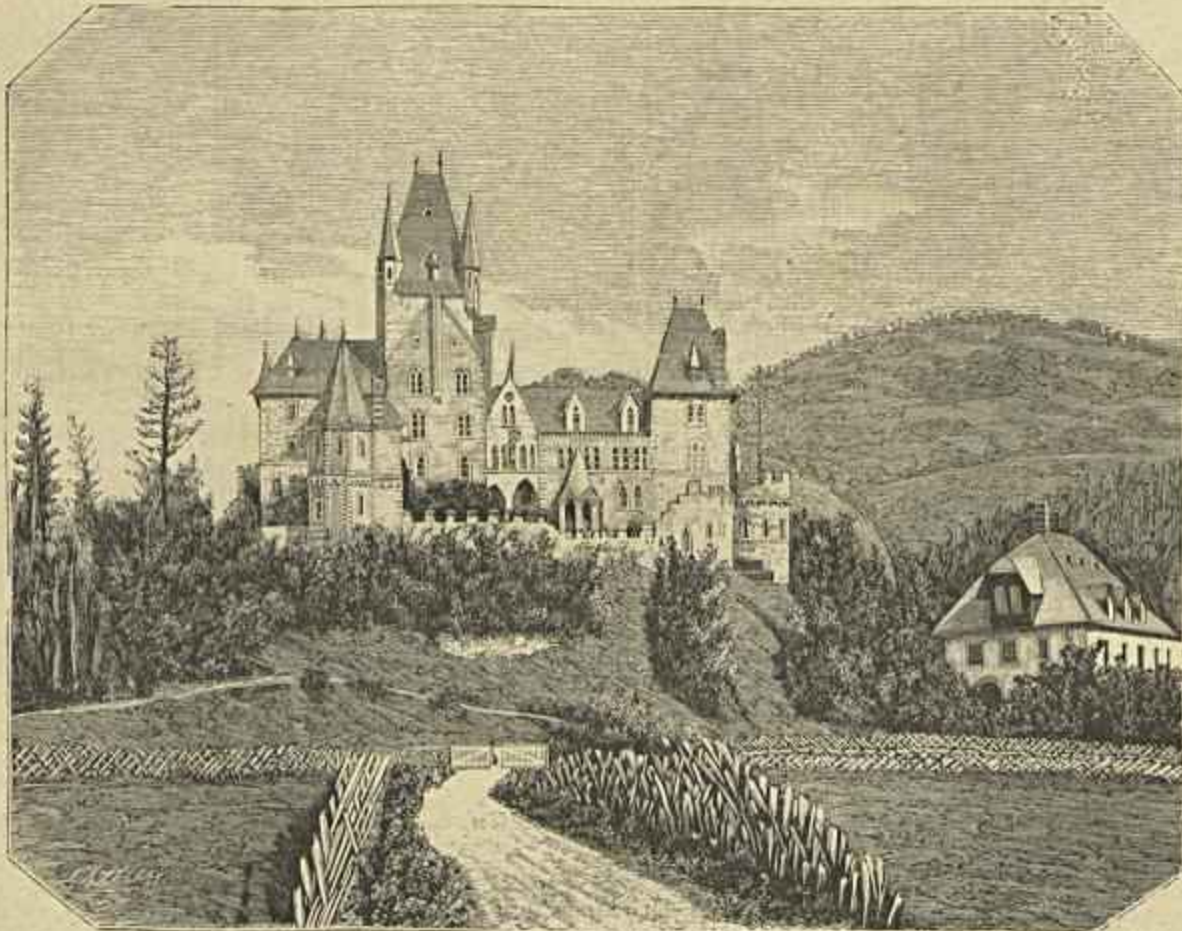
Proseguindo a discussão, respondeu ao sr. Jacintho Nunes, o sr. Beirão, que principiou por dizer que não se improvisa o amor da patria e que para o defender não é preciso estar prevenido, alludindo ao que o orador antecedente tinha dito, de não estar preparado para aquelle assumpto.

Nós pouco nos importa saber se a sessão estava ou não preparada, acreditamos mesmo que o estava por aquelle telegramma sertanejo, mas isso não pôde servir de defeza a ninguém n'um assumpto d'esta ordem.

Ao sr. Beirão seguiu-se a fallar o sr. Franco ministro do reino, que poz em novas torturas o sr. Jacintho Nunes. Fallou ainda o sr. presidente do conselho, o sr. Laranjo e por ultimo o sr. Alpoim que terminou por um viva á independencia da patria, que foi calorosamente correspondido por toda a assembléa.

cipitação com que noticiámos a publicação d'este livro fez-nos dizer que o *Dom Tarouco* foi já publicado no OCCIDENTE. Verificámos depois que isto não é exacto, e promptificamo nos a fazer a necessaria rectificação. O que se publicou ha annos n'este periodico foi, por assim dizermos, o esboço d'aquelle romance. O auctor refundio todo esse esboço, alargou a acção e precisou os detalhes, juntando uma serie consideravel d'episodios novos, equilibrou todas as partes do seu trabalho e completou assim um quadro caracteristico (e ao mesmo tempo romantico) dos costumes populares do norte do paiz com uma observação e verdade adoraveis.

Para melhor dar uma idéa do que deixamos dito bastará extratar-mos um capitulo do livro e teremos um bello quadro com todo o sabor rustico da vida da montanha. Em outro logar do nosso periodico os leitores encontrarão o excerpto, que com a devida venia transcrevemos.



CASTELLO DE FISCHHORN — ONDE SE REALISOU O CASAMENTO DA INFANTA D. MARIA ANNA DE BRAGANÇA COM O DUQUE DE LUXEMBURGO

(Copia de uma photographia enviada pelo sr. Sarrea Prado)

monarchias dos dois paizes e combater os republicanos.

Este argumento é dos que se chamam de cabo de esquadra, cahe pela base e só mostra a falta de argumentos para defender rasoavelmente o procedimento do partido republicano, ou melhor dos republicanos que foram a Badajoz.

Em primeiro logar ninguem pôde afirmar que El-rei D. Carlos fosse concertar planos politicos com a Regente de Hespanha, tratando-se das festas Colombinas para as quaes o monarcha portuguez recebeu convite, como era natural. Em segundo logar admittindo mesmo a hypotese que n'aquella visita de mera cortezia, El-Rei tratasse de qualquer combinação no sentido de assegurar a estabilidade das instituições vingentes, esse acto seria perfeitamente legal porque elle não attentava nem contra o regimen governativo do paiz, nem contra a sua autonomia.

Ora dentro d'esta legalidade é que os republicanos que foram a Badajoz não se encontravam, por isso as declarações do sr. Jacintho Nunes, em vez de o defenderem condemnna-o e estamos muito certos que se estas declarações fossem fei-

Estavamos no nosso elemento de peninsulares, ferteis em enthusiasmos, mas estereis em idéas praticas que correspondam a todos os vivorios e loquetes.

Simple narrador do succedido, não podemos comtudo deixar de applaudir o procedimento da camara, e só pedimos uma coisa: lhe é que aquelle patriotismo affirmado pela camara se não limite aquellas manifestações espectaculosas, mas se imponha mais em factos praticos que lhe dêem a auctoridade de que parece andar tão falha.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Dom Tarouco por Monteiro Ramalho etc. A pre-

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já entraram no prelo as primeiras folhas d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empresa do OCCIDENTE

L. do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, M. d'Este & C^ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 29